

# herdeira em seda vermelha

trilogia as herdeiras do duque – livro dois

madeline hunter

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Para os meus filhos, Thomas e Joseph*



## CAPÍTULO UM



A excentricidade corria na família Radnor como um fio cor de laranja que percorre uma tapeçaria. Alguns membros não revelavam qualquer coloração, ao passo que outros a exibiam em pleno. Kevin Radnor ainda era um jovem, pelo que não se sabia ao certo quanto do laranja viria a dominar a sua secção da tapeçaria.

No entanto, apresentava já algumas evidências do traço que tanto marcara o pai e o tio. Quando um tema captava a sua atenção, investigava-o minuciosamente com uma determinação notável. Como tal, não tendo ainda trinta anos, adquirira já um extraordinário conhecimento sobre esgrima, mecânica, engenharia, traças, Grécia Antiga, química e sensualidade carnal.

Fora este último tópico de investigação que o levava no final de março a um bordel na vizinhança de Portman Square. A sua atenção fora desviada, recentemente, por um problema profissional, e apenas o prazer poderia aliviar a sua melancolia. A casa que visitara era conhecida por ter mulheres que haviam escolhido a sua profissão por entusiasmo, não desespero. Um tal facto absolvía a sua consciência quanto à possibilidade de estar a arruinar um pouco mais uma pobre mulher, para além de lhe agradar, pois o entusiasmo era acompanhado pela criatividade e pela alegria.

Estava sentado, nu até à cintura, no quarto de uma prostituta que usava o nome Beatrice, enquanto a bela mulher de cabelos ruivos retirava

as suas próprias roupas. A sua preocupação tinha já diminuído, em especial porque Beatrice fizera do despir-se uma arte. De momento, restando-lhe apenas o longo camiseiro e as meias altas, estava curvada e ia enrolando uma das meias ao longo da perna. A sua postura revelava o traseiro, redondo e cheio, que, apercebeu-se Kevin, fora pintado com *rouge* ao longo da fenda.

Um arranhar na porta chamou a atenção de Beatrice logo depois de ela ter tirado a meia.

— Tenho um cavalheiro comigo — disse Beatrice.

— Só queria que soubesses que já chegou. A nova touca — disse a voz abafada de uma mulher. — É tão bonita.

Beatrice começou a tirar a outra meia, mas Kevin apercebeu-se de que a notícia da touca tinha agora quase toda a sua atenção.

— Vá vê-la — disse. — Não me importo.

Ela saltitou até junto dele e deu-lhe um beijo. Depois apressou-se até à porta e abriu-a até meio.

— Vês? — disse a outra mulher.

— Oh, céus, ela excede-se desta vez — disse Beatrice. — Olha para a fita e para o quão intrincadamente a teceu.

— A Rosamund é a melhor — disse a amiga.

*Rosamund*. O nome bem poderia ter sido gritado, tão fortemente agarrou a atenção de Kevin. Este levantou-se e juntou-se às mulheres junto à porta.

— As belas toucas agradam-me — disse ele. — Deixem-me vê-la.

A touca era, de facto, bela, em tons de azul e cor-de-rosa que se adequavam à primavera que se aproximava. Um tecido de cor creme fora cuidadosamente cosido de modo a cobrir o alto da cabeça, e as fitas em redor da base revelavam o trabalho intrincado na criação das pequenas rosetas.

Kevin admirou a touca, mas era a caixa do chapéu, que se encontrava pousada no chão do corredor, o que mais lhe interessava. Ergueu-a, para que a touca pudesse regressar ao seu aconchego. Uma etiqueta colada de lado exibia as palavras Chapelaria Jameson, Richmond.

Ele manteve a expressão inalterada, mas no preciso instante em que a porta se fechou, avançou para a cadeira e pegou na camisa.

— Então? — exclamou Beatrice. — Pensei...

— Lembrei-me de súbito de que tenho algo marcado para esta noite. Não se preocupe, ainda assim pagarei à senhora Darling.

Beatrice fez beicinho.

— Estava à espera de me divertir um pouco. É um dos meus preferidos.

— E a Beatrice é uma das minhas preferidas. No entanto, ficará para outra noite.

Quinze minutos depois, Kevin parou o seu cavalo galopante em frente de uma casa em Brook Street, Mayfair. Prendeu a sua montada a um poste, depois avançou para a porta. Quando esta se abriu, passou pelo criado e correu pelas escadas, ignorando as objeções que eram gritadas atrás de si.

Avançou intempestivamente através de um apartamento, abrindo portas até entrar no quarto fracamente iluminado.

Uma mulher gritou de choque.

— *Raios*, Kevin — vociferou um homem.

Aquilo fê-lo estacar. Dois pares de olhos fitavam-no a partir da cama. Os da mulher espreitavam-no por cima de um lençol puxado até ao nariz.

— Sinceramente, Chase, por vezes a tua família é insuportável — disse ela furiosa.

— As minhas sinceras desculpas, Minerva. Chase. A sério. Mas eu encontrei-a. Encontrei, finalmente, Rosamund Jameson.

Rosamund esperava que a senhora que pairava do lado de fora da montra da sua loja entrasse. Parecia ser de qualidade, a julgar pela peça de lã azul que a envolvia como só as melhores roupas eram capazes de envolver alguém. A sua touca também era cara, embora Rosamund não pudesse deixar de a analisar mentalmente. Teria encontrado um tom de azul mais forte, com mais brilho, que contrastasse melhor com o cabelo muito escuro da mulher. A pala também precisava de uma ligeira redução. A senhora tinha um rosto belo e impressionantes olhos escuros, e era uma pena usar uma pala que lançava tamanha sombra.

Porém, infelizmente, a senhora afastou-se, e Rosamund devolveu a sua atenção à senhora Grimley, que decidira adquirir um dos últimos chapéus de inverno disponíveis na Chapelaria Jameson. A senhora Grimley exigira um preço mais baixo, dado que a temporada estava no fim, e Rosamund concordara. O chapéu tinha algum pelo, uma indulgência de que se arrependera. O pêlo fora admirado pelas suas clientes, mas tornara o preço demasiado elevado para a clientela habitual. Isso

significava que o seu próprio dinheiro ficara empatado naquele chapéu durante todo o inverno.

— Posso sugerir-lhe a encomenda de uma touca para as festas de jardim na primavera? — perguntou, enquanto colocava o chapéu numa das suas caixas especiais. Eram mais caras do que gostaria, mas eram usadas por todos os bons chapeleiros, e as suas ambições exigiam que aceitasse a despesa. Tinha gostado de escolher o cartão com a sua tonalidade arroxeadada, que tão bem contrastava com a etiqueta impressa de cor creme.

— Vou pensar nisso — disse a senhora Grimley. — Vou a Londres e irei visitar algumas lojas com a minha irmã, mas é possível que ainda precise de alguma coisa quando voltar.

Rosamund sorriu, mas sentiu o coração apertado. Ter-lhe-ia sido impossível abrir aquela loja em Londres e sentia-se grata por Richmond lhe dar a possibilidade de começar o seu próprio negócio. Richmond, contudo, ficava muito perto de Londres, e os seus melhores clientes faziam apenas uma encomenda a Rosamund por cada cinco que realizavam em Londres. Um dia abriria uma loja elegante em Mayfair, onde poderia cobrar o dobro do que cobrava em Richmond, mas por ora precisava de levar as coisas um passo de cada vez.

— Agradar-me-á muito criar uma obra-prima para si, caso dela necessite. — Atou o cordão no cimo da caixa e entregou-a à senhora Grimley. — Terei os barretes que pediu prontos dentro de um dia ou dois e enviá-los-ei para sua casa. Estão quase terminados.

Não retirava um grande prazer artístico da criação de barretes, mas costurava muitos. Nem mesmo as suas clientes mais ricas viam necessidade de pagar os preços de Londres por esses artigos utilitários. Na verdade, os barretes mantinham a loja aberta. Os barretes e as encomendas que lhe chegavam de Londres, de velhas amigas como Beatrice.

Pensou na touca que lhe enviara há duas semanas, e imaginou Beatrice a usá-la no parque. Inventara uma nova forma de fazer rosetas de gorgorão especialmente para aquela touca, um método que não iria partilhar com ninguém. Talvez um dia as senhoras elegantes a procurassem em Londres por causa daquelas rosetas.

A senhora Grimley partiu. Rosamund arrumou o balcão, depois virou-se para reorganizar alguns cortes numa prateleira. Deixava sempre as pontas caídas das caixas e cestas de modo a refletir a luz e exibir a sua cor. Utilizava-as como isco, penduradas para captar os olhares dos ricos peixes que nadavam nas imediações.

Estava a limpar o pó ao espelho próximo da janela, o que estava pousado em cima da mesa, onde provava os chapéus e as toucas das suas clientes, quando se apercebeu de que a senhora de peliça azul espreitava uma vez mais pela montra da loja. Rosamund sorriu, enquanto limpava o pó, para a encorajar a entrar.

Ela assim fez. Parou ao entrar, o seu olhar deslizando pela loja, saltando das toucas para as prateleiras e o balcão, e repousando, por fim, em Rosamund. Olhou-a de cima a baixo, depois aproximou-se mais.

— É Rosamund Jameson? Costumava viver em Warwick Street, Londres?

— Sim. Sou eu.

A mulher retirou um cartão da sua retícula.

— Chamo-me Minerva Radnor. Tenho andado à sua procura.

Rosamund leu o cartão. *Gabinete de Investigações Discretas Hepplewhite.*

— Diz aqui que se chama Minerva Hepplewhite.

— Casei-me, mas o gabinete continua no meu nome de solteira.

— Quer-me parecer que não veio até aqui por querer um novo chapéu.

A senhora Radnor sorriu. Os seus olhos escuros iluminaram-se.

— Não, embora os seus me pareçam muito belos. Tenho estado a tentar encontrá-la há vários meses para lhe falar de uma herança que recebeu. Uma herança substancial.

— Não precisa de fechar a loja — disse a senhora Radnor. — Eu espero se entrar alguém que precise da sua atenção.

— Como se eu agora conseguisse falar com uma cliente. — Rosamund fechou os cortinados da loja e trancou a porta. — Quase não consigo respirar.

— Talvez uma bebida espirituosa medicinal...?

Rosamund olhou por cima do ombro para a outra mulher.

— Não vou precisar de bebidas espirituosas. Apenas de uma explicação...

— Claro. — A senhora Radnor puxou uma segunda cadeira para a mesa do espelho para que ambas se pudessem sentar.

— Quem me deixaria uma tal... herança?

— O duque de Hollinburgh. — A senhora Radnor olhou intensamente para Rosamund. — Conhecia-o?

Rosamund manteve o silêncio por um momento para absorver aquela notícia espantosa, ao mesmo tempo que se recompunha.

— Conheci-o. Não tivemos senão uma conversa. — Compreendeu o porquê de a senhora Radnor a olhar com tamanha atenção. — Não éramos amantes. Nem foi nada que se parecesse, se é isso que está a pensar.

— Não estou a pensar nada. Sabe, ele também me deixou uma herança. Também não éramos amantes. De facto, nem sequer nos conhecíamos. Estou fascinada com o facto de terem falado pelo menos uma vez.

— Não foi uma conversa muito longa, mas ele ficou a saber algo sobre eu. — Talvez tivesse confiado demasiado, mas a conversa ocorrera quando estava cansada e apenas porque ele se mostrara gentil com uma amiga dela que mal conhecia. Rosamund sabia quem ele era e ficara surpreendida com a facilidade com que falara com ele. — Ele era muitíssimo gentil. Entregou-me uma bolsa com dez guinéus. Foi assim que consegui abrir esta loja.

A senhora Radnor voltou a olhar em redor da loja.

— Quando é que isso aconteceu? A única morada apresentada no testamento era a de uma rua de Londres, mas lá ninguém a conhecia.

— Vivi lá durante pouco mais de um ano. Foi-me passada por uma mulher que eu conhecia, e confesso que não informámos o proprietário porque temíamos que aumentasse a renda se o fizéssemos. Como tal, mantive-me bastante reservada. Vivi lá enquanto trabalhava numa chapelaria na City, a aprender tudo o que conseguia sobre contabilidade e encontrar fornecedores de tecidos, artigos de retrosaria, e assim. É preciso mais do que um sonho para se enveredar por algo assim.

— E tendo percebido o que era preciso, decidiu-se a obtê-lo.

— Algo assim. Depois mudei-me para aqui, porque alugar um espaço em Richmond seria muito mais barato e não tinha grande concorrência.

— Onde estava quando conheceu o duque?

As costas de Rosamund ficaram rígidas.

— Para obter o legado é necessário que conte toda a m' nha história? — Lamentou o quão irritada soara.

A senhora Radnor parecera não reparar.

— Meu Deus, não. Foi algo que me deixou muito grata. Não me queria intrometer. — Retirou mais dois cartões da retícula. — Este é o solitador que deverá consultar para obter a herança. Este é o meu cartão

pessoal. Somos uma espécie de irmãs, não é, duas mulheres a quem o falecido duque deu presentes inesperados? Quando for à Cidade, contacte-me se achar que a posso ajudar de alguma forma. De facto, se me escrever quando decidir ir, convidá-la-ei a ficar comigo.

Rosamund recebeu os cartões com os dedos trémulos.

— Está num estado de choque assim tão grande que nem sequer está curiosa quanto ao valor que herdou? — perguntou a mulher gentilmente.

— O que quer que seja será mais do que tenho agora. — Mas talvez fosse o suficiente para abrir a loja de Londres com que sonhava. Ou até para ajudar com o futuro da irmã. Tais ideias deram ao seu pensamento pernas mais firmes. — Seria simpático se se aproximasse de cem. Isso ajudaria muito com alguns planos que tenho.

— É um bocadinho mais do que isso, senhora Jameson. Herdou muitos milhares de libras.

*Milhares de libras.* Rosamund teve de se concentrar na sua respiração para conseguir introduzir ar no corpo.

— Além disso, o duque detinha metade de um negócio. Deixou-lhe essa metade.

— O duque... tinha uma chapelaria?

A senhora Radnor estendeu o braço com um sorriso e pousou a sua mão na de Rosamund.

— Não se trata de uma chapelaria. É bastante diferente. Por favor, arranje tempo para vir a Londres assim que lhe for possível. Ajudá-la-ei a resolver tudo isto de forma atempada.

Rosamund deixou escapar uma gargalhada, e em seguida teve a pavorosa suspeita de que estava prestes a ficar lavada em lágrimas. Em vez disso, tomou a mão da senhora Radnor nas suas duas mãos e disse:

— Partirei para Londres mal consiga manter-me de pé sem desmaiar.

## CAPÍTULO DOIS



Duas semanas mais tarde, Kevin Radnor cavalgava de novo através de Mayfair, a caminho da casa do primo Chase. Apesar da sua agitação, que se aproximava consideravelmente da da sua última visita, os seus avanços eram lentos. A alta sociedade começara a chegar à cidade para a temporada e as estradas que tinham estado abençoadamente pacíficas durante meses estavam agora entupidas com grandes carroças e carruagens.

Saltou do cavalo ao chegar, lançou as rédeas a um moço de estribaria, e não mostrou mais cerimónia ao entrar do que mostrara da vez anterior. O mordomo limitou-se a apontar para a sala de estar da manhã.

Chase e Minerva tinham-se mudado recentemente, por isso avançou através das divisões escassamente mobiladas até chegar à sala de estar da manhã, clara e arejada, que se abria para o jardim.

— Onde está ela? — perguntou, como forma de anunciar a sua chegada abrupta.

O primo Chase olhou para ele, depois terminou de beber o café da chávena que já levava à boca.

— É um prazer ver-te, Kevin. Ainda por cima tão cedo. — Minerva virou-se com gestos teatrais para um relógio sobre a pequena mesa de canto. — Ora, ainda nem sequer são dez horas.

Kevin não estava com paciência para o sarcasmo de Minerva.

— O Chase escreveu-me dizendo que a menina Jameson vinha para

a Cidade ontem, e que lhe tinha oferecido a sua hospitalidade, por isso sei que a mulher está nesta casa.

— Está, de facto — disse Minerva. — Mas chegou há dois dias e ontem foi visitar o solicitador. Neste momento está no seu quarto, provavelmente a dormir.

Kevin deu meia-volta e avançou para a porta.

— *Para.* — A ordem de Chase apanhou-o a meio de um passo.

Os olhos azuis de Chase fitavam-no sérios, quando Kevin olhou para ele.

— *Senta-te.* Não podes ir lá acima, abrir uma porta e ter a conversa que queres — disse Chase. — Compreendo a tua impaciência, mas terás de esperar um pouco mais.

— Esperei um ano, raios. E *eu descobri-a.* — Era verdade. Não fora Chase, o investigador encarregado de descobrir aquelas mulheres misteriosas que o tio agraciara com verdadeiras fortunas. Não fora Chase, cuja profissão era realizar investigações. Também não fora Minerva, que tinha a mesma profissão, por peculiar que isso fosse.

Minerva dirigiu-lhe um olhar de simpatia que lhe fez recordar o tipo de olhar que uma ama oferece a uma criança cansada que faz uma birra.

— Porque não tomas o pequeno-almoço?

Ele dirigiu-se de má vontade ao aparador e preparou um prato com bolos e ovos para si mesmo. O laçao trouxe café quando ele se sentou em frente de Chase. A sua mente, contudo, estava preocupada com os pisos superiores da casa, onde a mulher que tinha nas mãos o seu futuro dormia pacificamente, ao contrário das suas recentes noites insones.

A comida ajudou-o a encontrar alguma equanimidade.

— Quando foi a última vez que fizeste uma refeição decente? — perguntou Chase.

Kevin baixou os olhos para o prato, agora vazio do monte de ovos e de dois dos três bolos.

— A noite passada. Não, espera. A noite anterior. Tenho andado atarefado.

— Continuas a trabalhar no problema dos jogos de azar?

— Não são problemas. São probabilidades. E sim, tenho pensado bastante sobre isso ultimamente.

— De certa forma não me parece correto. Jogar aproveitando uma vantagem matemática.

— Decerto não vou jogar *sem* uma vantagem. A ideia é fazer muito dinheiro depressa, não perdê-lo.

Chase, que sabia para que necessitava ele do dinheiro, encolheu ligeiramente os ombros.

— Hás de arranjar uma forma.

— Poderá não ser importante. Abrigaste em tua casa uma mulher que pode muito bem tornar tudo inútil. — Forçou o seu tom de voz a assumir uma calma, uma indiferença até, quando se virou para Minerva.

— Como correu a visita ao solicitador?

— Muito bem. A menina Jameson está em choque, claro. O senhor Sanders manteve a sua habitual calma fraternal e explicou tudo com muita clareza. Respondeu às perguntas dela por completo.

— Que perguntas?

Minerva abriu ligeiramente a boca, depois fechou-a. Olhou de relance para Chase, que a fitou com um olhar que dizia: «Isso foi um erro, querida.»

Minerva bebeu um pouco de chá.

— Tinha as perguntas típicas sobre como aceder ao dinheiro. Ao contrário do meu, o dela não faz parte de um fundo. O duque conhecia-a e, provavelmente, viu o mesmo que qualquer pessoa poderá ver, que se trata de uma mulher muito sensata e bastante prática. Talvez não se preocupasse tanto com a possibilidade de ela ser capaz de gerir o seu dinheiro sozinha.

Kevin sentiu a formação de um sorriso muito pequeno. O tio, o falecido duque, deixara a uma mulher que era praticamente uma estranha mais dinheiro do que aquele que deixara a um dos seus sobrinhos preferidos, Kevin. E ainda para mais sem quaisquer entraves.

— E quanto ao resto? A empresa? — A *sua* empresa.

Minerva tossiu para limpar a garganta.

— Sim, isso. Bem, ela perguntou ao senhor Sanders o que deveria fazer com ela. Ele estava obrigado pelo dever a dizer-lhe quais as suas opções. — Minerva fez uma careta. — A ideia de vender a parte dela pareceu, de facto, agradar-lhe.

Raios e maldições. Ia matar o Sanders.

— Tenho de a ver — disse ele. — Vão chamá-la. Ou isso ou o Chase terá de lutar comigo, fazendo uso da sua espada nas escadas para me impedir de lá ir pessoalmente.

Os olhos de Minerva semicerraram-se. Virou-se para Chase, em

busca de uma igual irritação, mas constatou que Chase decidira que aquele era o melhor momento para beber um pouco mais de café.

Minerva levantou-se.

— Suponho que possa ver se ela já acordou. No entanto, não a acordarei por tua conveniência, e se ela ainda não estiver vestida, terás muito que esperar. Devias regressar esta tarde, como faria uma pessoa civilizada.

— Não quero saber se a espera será demorada. Ficarei na biblioteca até ela descer.

Minerva partiu. Chase pegou numa pilha de cartas e começou a percorrê-las. Kevin dirigiu-se de novo ao aparador.

Instalou-se, em seguida, na cadeira. Todos os primos Radnor tinham os seus próprios pontos fortes, e um dos de Chase era a sua capacidade para encontrar informação e avaliar o seu valor. Também conseguia avaliar uma pessoa com bastante rapidez. Aplicara esses talentos na sua profissão.

— O que achaste dela? — perguntou Kevin.

Chase pousou uma carta e pensou na pergunta.

— É sensata e independente. Abriu uma loja para si e parece estar a geri-la com sucesso. Pelo menos o suficiente para ter uma assistente e uma aprendiz, a quem pôde confiar a loja, enquanto fazia a viagem para cá. É de nascimento comum, e ainda tem alguma rusticidade. Parece-me inteligente, mas não falei com ela durante muito tempo.

— Qual é o seu aspeto?

— Tem cabelo louro. Quanto ao resto, a minha opinião seria, na melhor das hipóteses, subjetiva. Será que isso é importante?

Cabelo louro. Ele presumira que fosse grisalho. Não sabia por que razão pensara tal coisa. Talvez porque a maioria das modistas já era avançada na idade antes de se poder dar ao luxo de abrir a sua própria loja, e presumira que fosse o mesmo com as chapeleiras. Claro que nem todas as mulheres tinham um duque a oferecer-lhe uma pequena bolsa que pudessem usar para abrir o seu próprio negócio.

— A Minerva acha os seus chapéus muito bons. Dramáticos sem serem vulgares, na sua opinião — disse Chase. — Pareces irritado por não te poder dizer mais nada.

— Sabes como isto é importante para mim, por isso presumi que a examinasses mais de perto e fizesses algumas perguntas discretas.

Chase mostrou-lhe um sorriso rasgado enquanto pegava na carta cuja leitura interrompera.

— Eu sabia que, em breve, serias capaz de conduzir a tua própria investigação.

Kevin virou-se de novo para o pequeno-almoço, perguntando-se o que acharia o seu primo de tão divertido.

Aquela era, sem dúvida, a casa mais elegante onde Rosamund alguma vez entrara. Maravilhou-se uma vez mais com os tecidos da cama e as janelas e os quadros elegantes nas paredes. O tamanho da divisão impressionara-a, bem como o dos espaços públicos em baixo. Embora ainda estivesse escassamente mobilada, o mobiliário que existia era de elevada qualidade.

Nem mesmo os Copleys viviam assim, e eram gente fina. Não tanto quanto o senhor e a senhora Radnor, claro. Chase Radnor era neto de um duque e primo do atual, afinal de contas.

Levantou-se da cama tristemente. Permanecera a última hora deitada, acordada, a pensar na reviravolta que sofrera a sua sorte e no que deveria fazer com o dinheiro. Reservaria algum para se assegurar de que a irmã nunca teria de fazer o que ela tivera de fazer e entrar ao serviço numa casa estranha. Lily receberia uma educação adequada. Que agora pudesse sustentar Lily era a maior alegria que retirava daquela herança.

Utilizaria parte do restante para abrir a sua loja de Londres. A senhora Ingram podia continuar à frente da de Richmond até ela concluir se conseguiria manter as duas. Contudo, precisaria de ajuda na Cidade. Era uma das coisas que precisava de começar a procurar.

Não podia ficar para sempre naquela casa, pelo que necessitava de uma casa sua, e em breve. Mas era neste ponto que os seus pensamentos saltavam de algo prático, sensato e claro para algo um pouco mais turvo.

Olhava agora pela janela para o dia sombrio. Em baixo, o jardim exibia o verde que começava a formar-se perto do chão. Bolbos que lançavam os seus rebentos, era o mais certo. Continuou a imaginar a sua nova casa, plantando nela tulipas e narcisos plenamente crescidos e em flor. Um pequeno apartamento seria suficiente, mesmo para quando Lily a visitasse. Não precisava de mais. E, no entanto... tudo dependia do propósito da casa, certo?

Se tencionava ser chapeleira, uma residência modesta chegaria. No entanto, se tencionava ser...

Hesitou em colocar o sonho em palavras. Temera sempre que esperar

demasiado destruísse a esperança em si. No entanto, se queria contemplar esse próximo passo, necessitava de o enfrentar. O seu coração crescia de dor e desejo, enquanto se obrigava a fazer isso mesmo.

A pergunta era: se ela fosse saudável, se vivesse numa boa casa e envergasse boas roupas, se fosse mais do que uma criada ou uma chapeleira, seria então suficientemente boa para Charles poder casar-se com ela?

Fechou os olhos enquanto pensava no nome dele e o recordava com clareza, tão elegante e belo, com um sorriso que lhe acelerava o coração desde a primeira vez que o vira. A recordação do seu rosto fora preservada cuidadosamente durante os últimos cinco anos. O verdadeiro amor preservara-o, bem como a fé e a lealdade. Um tal amor merecia ter vida se pudesse, não merecia? Um futuro? Até os pais dele a poderiam aceitar se fosse rica, e Charles... nunca a afastara por sua própria escolha. Fora obrigado e enviado para longe, tal como ela fora expulsa da casa dos Copleys.

Reviveu aquele último beijo que ele lhe dera antes de a carruagem o levar para a costa. Ela esgueirara-se de volta à casa e aguardara na sombra das ruas para o ver partir. Ele vira-a e avançara diretamente para ela, ignorando os olhares irados dos pais e as ordens do seu novo tutor. Tomara-a nos braços e beijara-a em pleno, prometendo-lhe que um dia ficariam juntos.

Ela não era sonhadora por natureza. Sabia que não devia depender da chegada desse dia. Afinal de contas, ele era o filho de um cavalheiro e ela era a filha de um rendeiro de Oxfordshire. Não eram permitidas tais uniões. Dada a situação em que ficara, tivera pouco tempo para pensar nisso, mesmo que quisesse. No entanto, continuara a amá-lo e a esperar secretamente, contra toda a razão. E a sonhar.

Agora, com aquele legado, havia a possibilidade de tornar reais os seus sonhos.

Os seus pensamentos voavam. Os primeiros pontos da lista foram rápidos, depois considerou com maior seriedade alguns dos outros. Iria aquilo funcionar? Deveria arriscá-lo? Como os bolbos do outro lado da janela, os seus sonhos lançavam rebentos que queriam crescer e florescer.

Um bater na porta interrompeu-a. Disse à pessoa que entrasse, e Minerva abriu a porta com a criada ao seu lado.

— Vejo que estás acordada. A Mary trouxe água e irá ajudar-te a vestires-te.

— Suponho que já seja tarde. Já passa da hora de começar o mê dia. Há alguns sítios aonde quero ir esta tarde.

Minerva entrou e fechou a porta atrás de si, mantendo a criada no exterior.

— Preciso de te dizer uma coisa. O teu parceiro de negócios está lá em baixo, à tua espera.

Parceiro de negócios? Oh, sim.

— Refere-se ao outro senhor Radnor. Kenneth.

— Kevin. Como te disse, é primo do meu marido.

— Nesse caso devo recebê-lo, para que o seu marido não se sinta insultado.

— Deves vê-lo porque estão presos um ao outro através de uma empresa, não por causa do meu marido.

Ela nada compreendera sobre o negócio quando o simpático senhor Sanders lho explicara. Não que tivesse ouvido grande coisa. Ainda estava atordoada por causa do dinheiro que herdara. Também não queria conhecer aquele outro senhor Radnor para já. Não naquele dia. Queria percorrer as ruas em redor da casa, procurar lojas e casas para alugar. Queria imaginar-se a cavalgar numa carruagem com Charles...

— Vou vestir-me e descerei em breve.

Kevin percorreu a biblioteca durante meia hora, depois escolheu um livro de uma prateleira e lançou-se para um divã. Lera durante algum tempo, depois apercebera-se de que não se lembrava de uma só palavra que os seus olhos tinham percorrido. Lançou o livro para o lado, descansou a cabeça contra a almofada e fechou os olhos.

Aquilo era um inferno. Aprendera a falar de negócios com homens. Adotara, inclusivamente, a bonomia que os industriais usavam uns com os outros, pese embora não lhe fosse natural. Mas uma mulher? Não pela primeira vez desde que o tio falecera, perguntou-se se, no final, o homem teria enlouquecido ligeiramente.

A antiga sensação de traição começou a crescer dentro de si, mas engoliu-a. Tratava-se da fortuna pessoal do tio Frederick e poderia utilizá-la como lhe aprouvesse. Se, num gesto de magnanimidade bizarra e de excentricidade inultrapassável, decidira dar metade de uma empresa promissora a uma pequena chapeleira de passado dúbio e sem qualquer conhecimento de maquinaria e engenharia, estava no seu direito.

Também analisara aquela decisão muitas vezes, e com bastante demora, concluindo que talvez mostrasse alguma falta de fé no próprio

Kevin. Por muito que tivesse preferido afastar tal ideia, era difícil rejeitá-la por completo. Regressava agora à sua mente. Só que desta vez ele *podia* rejeitá-la. Se o tio Frederick não confiasse em Kevin para ficar à frente da empresa, teria deixado a outra metade a um homem de sucesso na indústria. Não a Rosamund Jameson. O simples facto de ter de a encontrar custara-lhe um ano de progressos, numa altura em que tudo na indústria avançava cada vez mais depressa, a cada dia.

A porta da biblioteca abriu-se. Kevin levantou-se de imediato, enquanto Minerva avançava para ele com um olhar determinado. Ela mostrava frequentemente aquele olhar. Era de admirar que Chase não a considerasse um pouco rabugenta. Kevin considerava, sem dúvida.

— Ela descerá em breve. Uma questão de minutos. Antes que venha, quero deixar algo *muito* claro. — Minerva avançou até estar tão próxima que teve de erguer a cabeça para o fitar olhos nos olhos. — Ela é minha convidada, e espero que venha a ser minha amiga. Gosto dela. Deves tratá-la com o mesmo respeito com que tratarias uma senhora. Não deverás intimidá-la ou perder a paciência, ou fazê-la saber que a consideras difícil, mesmo que consideres. Se a insultares de alguma maneira, seja por palavras ou ações, por suspiros melancólicos ou com um tom de voz desdenhoso, tornarei a tua vida miserável.

— Nunca insulto as mulheres.

— Oh, por amor à santa, por vezes a tua mera presença insulta as mulheres. Mas já disse o que tinha a dizer. Comporta-te.

Dito aquilo, deu meia-volta e saiu da biblioteca.

Kevin abanou a cabeça exasperado. Insultar as mulheres? Que coisa tão ridícula de se dizer. Ele nunca insultava as mulheres. Praticamente não falava com elas.

Um suave restolhar penetrou a sua consciência. Virou-se para o som. Uma mulher erguia-se à porta da biblioteca. Ele fitou-a, e ela fitou-o.

Rosamund Jameson não era nenhuma pequena chapeleira. Não era pequena em nada. Erguia-se mais alta do que a maioria das mulheres, e o seu vestido simples, e peliça cinzenta, revelava um corpo que guardava a promessa de ser extremamente bem formado e voluptuoso. Ágil não era uma palavra que alguém usasse para a descrever.

A restante aparência atingiu com igual violência a sua consciência chocada. Olhos azuis. Caracóis louros. Pele de porcelana. Lábios cheios.

A mulher era linda. Deliciosamente linda.

Ele olhava para ela como se procurasse alguma falha. Sem dúvida encontraria bastantes se quisesse vê-las.

Rosamund fez o seu próprio exame enquanto ele se demorava a saudá-la. Tal como o primo, Kevin Radnor era alto. O seu cabelo farto e negro pendia até ao maxilar e ao plastrão. Ela não sabia se se trataria de uma nova moda ou se ele se negligenciara àquele ponto.

Ao contrário do primo, tinha olhos escuros. Muito escuros e encovados. Eles e o cabelo tornavam a sua aparência algo dramática. Não podia negar que ele era belo e tinha um nariz e boca agradáveis. Um maxilar algo duro impedia-o de parecer demasiado belo. As suas feições não tinham a irregularidade das do primo, pelo que aquele maxilar o impedia de ser considerado... lindo. Minerva avisara-a de que ele era dado a melancolias, e Rosamund conseguia imaginá-lo, e considerou-o muito poético.

Não se comparava de todo a Charles, claro. Os sorrisos luminosos e os olhos cintilantes de Charles não estavam presentes. Kevin Radnor tinha mais em comum com os tutores rígidos, distraídos que passavam pela casa dos Copleys, homens que ainda eram jovens, mas que se tinham esquecido de como se divertir. Rosamund não tinha sido capaz de imaginar uma mulher de alguma inteligência a querer qualquer um deles, e tinha agora a mesma opinião em relação ao homem que a fitava.

Por fim, sentindo-se desconfortável pela forma como ele se limitava a olhar para ela, avançou para o centro da divisão.

— Sou Rosamund Jameson. Queria falar comigo.

Ele pareceu ganhar vida.

— Sim. Pensei que nos devíamos encontrar, tendo em conta que é agora proprietária de metade da minha empresa.

— Se eu sou proprietária de metade, então não será a *nossa* empresa?

O que quer que lhe tivesse ocupado a mente desaparecera, entretanto. Mostrou o sorriso de um homem orgulhoso e confiante, que exibia tolerância.

— Porque não nos sentamos e falamos sobre isso?

Ela empoleirou-se na ponta do divã. Ele pegou numa cadeira forrada e colocou-a em ângulo para que pudessem falar diretamente.

— Suponho que ter herdado metade de um negócio a tenha surpreendido — disse ele.

— Herdar o que quer que fosse surpreendeu-me. Mas sim, essa parte foi particularmente espantosa.

— O solicitador explicou-lhe o empreendimento?

Ela manteve o rosto inalterado, resistindo à intimidação.

— Está relacionado com uma invenção para melhorar máquinas — disse ela com confiança.

— Máquinas a vapor.

— A sua explicação foi breve. Confesso que não compreendi os pormenores.

— Não é de surpreender. Até mesmo os homens têm dificuldade em compreender.

O tom de voz revelara grande superioridade ao dizer aquilo.

— Se é difícil de compreender *até para os homens*, talvez seja melhor mostrar-lhes como funciona. Acredito que isso clarificaria tudo.

Ele sorriu indulgentemente. Rosamund também não gostou daquele sorriso.

— Não posso. Se o fizesse, qualquer pessoa poderia roubar o *design* e duplicá-lo.

— Senhor Radnor, perdoe-me se a minha pergunta seguinte for demasiado feminina, mas se não puder mostrar a ninguém, como é que esta empresa poderá vir a fazer dinheiro com a sua invenção?

— Tenciono produzi-la eu mesmo.

*Eu mesmo.*

— Quer dizer que *nós* tencionamos produzi-la. *Nós* temos uma fábrica?

— Ainda não. Estou à espera de um melhoramento. Uma vez obtido, poderá iniciar-se a produção.

Portanto, aquele empreendimento tinha por base uma invenção que ainda não fora construída e não tinha fábrica, faltando-lhe ainda o seu último melhoramento.

— Devo dizer-lhe que tenho estado a pensar vender a minha parte.

Os olhos dele tornaram-se tempestuosos. Ele inclinou-se na direção dela.

— Não pode fazer isso.

— O solicitador disse que eu podia.

— Vai destruir tudo. Se vender, quem quer que compre poderá vender parte das ações a outras pessoas. Cada uma delas exigirá ver a invenção, o que significa que qualquer uma delas a poderá roubar. Trata-se de

um empreendimento que tem de ser mantido em apertado segredo para que resulte em alguma coisa.

— Está preocupado com a possibilidade de alguém lhe roubar esta ideia?

— Claro que estou. É de tal modo valiosa que nem sequer me atrevo a patentear-la, não vão outros ver os desenhos.

— Preocupa-o que eu o possa, de algum modo, roubar?

Kevin realinhou subtilmente a cadeira.

— Não roubar, exatamente. Não se pode roubar aquilo que já nos pertence.

— Fico feliz por admitir que sou, de facto, proprietária de metade.

— Mas... — Ele pareceu pensar duas vezes sobre o que ia dizer. Rosamund apercebeu-se do momento exato em que o impulso conquistou o bom senso que o fizera hesitar. — É uma herdeira. Terá muitos homens atrás de si. Poderá ser indevidamente influenciada por um deles.

— Quer dizer que posso perder a cabeça.

— Sim.

— Ficar de tal modo embriagada de amor que poderei fazer algo que não seja do meu interesse.

Não houve resposta, apenas um vago aceno de cabeça.

— Quer-me parecer que o senhor é um homem que acredita que as mulheres têm falta de inteligência e são regidas pelas emoções.

Ele franziu o sobrolho numa expressão impertinente.

— Também os homens perdem a cabeça. Não tem nada que ver com o facto de ser uma mulher bela.

Ela sobressaltou-se com a palavra «bela». Ele também, uma vez a palavra saída da sua boca.

— E poderá casar-se — acrescentou rapidamente. — O seu marido poderá exigir saber tudo o que sabe. Poderá até intimidá-la de modo a conhecer todos os segredos da empresa.

*O Charles não faria isso.* Censurou-se de imediato perante tal pensamento. Uma coisa era conceder algum espaço ao sonho para crescer e outra era ficar tão baralhada quanto aquele senhor Radnor presumia que o amor a deixaria.

— Senhor Radnor, eu preocupar-me-ia consigo da mesma maneira. Poderá ficar enfeitado por uma qualquer mulher e ser influenciado por ela a partilhar os segredos. Ou talvez possa usar o dinheiro da empresa para a manter feliz ou para pagar as dívidas de jogo dela.

Kevin achou tudo aquilo divertido.

— Nunca fico enfeitiçado, por isso não tem nada com que se preocupar.

— Nunca? Nem por uma vez?

Ele abanou a cabeça.

— Nem por uma vez. Esta invenção tem o potencial para fazer de si uma mulher muito rica, menina Jameson. Mais rica do que imagina. Todas as máquinas a vapor construídas necessitarão desta invenção. Já as estão a colocar em veículos que se movem sobre carris. Dentro de vinte anos, estarão por todo o lado. Depois, não devemos esquecer as máquinas das fábricas e outras aplicações possíveis. Os motores a vapor serão, em breve, usados aos milhares. Seria tola se vendesse agora.

A Rosamund parecia que mais valia aplicar o seu dinheiro num desses veículos em carris do que naquela invenção. Por um lado, não teria de ver aquele homem de forma regular. Enervava-a quando a fitava com um olhar intenso como agora. Tinha de se esforçar para se manter firme, e ainda mais para lhe responder à altura.

Ele sorriu. Um sorriso agradável. Algo sedutor, a bem da verdade.

— Eu cuidarei de tudo. Poderá cuidar dos seus outros assuntos até o dinheiro começar a entrar. Depois poderá pensar em como o gastar todo. — Levou a mão ao bolso do casaco e retirou um papel dobrado. — Dado que somos parceiros em partes iguais, ambos temos de concordar com as decisões que dizem respeito a fundos e desenvolvimentos. No entanto, poderei aliviá-la de tal obrigação, se assinar isto.

Rosamund pegou no papel e leu-o. Enquanto o fazia, ele levantou-se e dirigiu-se à secretária, tendo regressado com uma pena e um tinteiro. Pousou-os na mesa ao lado do divã.

— Compreende-o? — perguntou.

Em parte. Na maioria. Havia algumas palavras caras que interferiam, mas pareceu-lhe ter compreendido os pontos principais.

— Este documento dar-lhe-ia pleno controlo da empresa, bem como o direito a assinar contratos, gastar dinheiro e decidir quanto à futura utilização e preço desta invenção sem a minha assinatura. — Ela ergueu para ele os olhos. — Pareço-lhe uma mulher tola, senhor Radnor? Se não vender a minha parte (e nada do que aqui aconteceu hoje me convenceu a mantê-la), estarei envolvida em todas as decisões daqui para a frente. Não tenho qualquer intenção de assinar isto.

Deixou que o papel lhe deslizesse dos dedos e caísse ao chão.

Kevin levantou-se abruptamente, virou-se e murmurou. A Rosamund pareceu-lhe ouvir as palavras «mulher impossível» por entre algumas imprecações coloridas. Deixou que ele retomasse o controlo, tendo demorado mais alguns momentos. Por fim, ele virou-se para ela, o seu rosto a refletir ainda a sua raiva.

— Tudo demorará três vezes mais tempo a ser realizado se insistir em envolver-se. Vou passar horas a explicar-lhe os pormenores de cada decisão e a ensinar-lhe mecânica e matemática — disse em tom mordaz. — Até descobri-la demorou demasiado e deixou a empresa num limbo em detrimento de todo o plano.

Ela levantou-se.

— E, no entanto, agora estou aqui. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, senhor Radnor. Alguma vez geriu um negócio lucrativo?

Ele não respondeu com rapidez suficiente, pelo que Rosamund soube a resposta.

— Bem, eu já. Agora, tenho coisas a fazer esta tarde. Passe um bom dia. — Rosamund deixou a biblioteca, de cabeça erguida, e esperou até estar de volta ao quarto antes de libertar a frustração acumulada, gritando contra a almofada.